

Uma reflexão sobre a autonomia da dança como área do conhecimento¹

Rita Ferreira de Aquino (UFBA)

GT Dança e Novas Tecnologias

Palavras-chave: Dança; Universidade; Pesquisa.

Até o ano de 2006, as produções de pesquisa acadêmica de pós-graduação *strictu sensu* em dança não possuíam no Brasil um ambiente específico para se desenvolverem. Encontravam-se vinculadas a outras áreas do conhecimento, como Educação Física, Artes Visuais e Comunicação. Nas últimas décadas, contribuições inquestionáveis foram realizadas, entretanto esta abrangente produção encontra-se dispersa em meio a diversos programas em instituições por todo o país. O contexto de crescente inserção da pesquisa em dança nas universidades se constituiu enquanto demanda para a abertura de um programa de pós-graduação específico, o que ocorreu em 2006 com o Curso de Mestrado em Dança do Programa de Pós-Graduação em Dança da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Faz-se necessária hoje uma reflexão sobre a autonomia desta área do conhecimento. A produção acadêmica em dança parece se configurar como um sistema que se retro-alimenta, possibilitando um crescimento em complexidade desejável para seu desenvolvimento e permanência, constituindo uma rede de trocas informativas que favorece desdobramentos dos conhecimentos produzidos. Torna-se relevante, portanto, problematizar a relação entre o objeto de estudo e seus pressupostos teórico-metodológicos, propondo uma reflexão epistemológica sobre tal situação. A garantia de condições para que a dança se desenvolva enquanto área do conhecimento envolve questões de cunho político que devem ser apontadas neste discurso.

Este estudo toma como referência o termo *pesquisa*, o qual está etimologicamente vinculado às noções de *busca* e *investigação*. A pesquisa aqui abordada é de natureza dissertativa, de caráter monográfico e que se organiza como discurso verbal escrito produzido dentro da universidade - ambientes de encontros, trocas informativas e desenvolvimento de conhecimento. Desta forma, pretende-se problematizar a relação da dança com o modo de conhecer acadêmico.

A consolidação das universidades no Brasil é um empreendimento da modernidade – evento relativamente recente. Tratando-se das artes, o ensino superior é ainda mais jovem, e especificamente da dança, este projeto não possui mais do que cinco décadas.

O primeiro curso de graduação em dança do país foi criado em 1956 na UFBA. Nas últimas décadas, houve o surgimento de vinte e três cursos de nível superior em dança no país, e atualmente existem quatorze em funcionamento. Também são oferecidos cursos de pós-graduação *lato sensu* em algumas instituições, o que aponta para uma demanda do mercado de especialização de seus profissionais. Com o surgimento do primeiro Programa de Pós-Graduação em Dança da UFBA, configura-se efetivamente no Brasil um território que envolve ensino, extensão e pesquisa para um campo que até poucas décadas possuía uma dinâmica extra-acadêmica de criação e transmissão de saberes.

Parte-se aqui do pressuposto de que o conhecimento é sempre uma entre as inúmeras descrições possíveis de mundo, uma espécie de acordo com algum grau de circunstancialidade espaço-temporal que

pode co-existir com outros. Conhecer: característica de sistemas abertos que sofrem crises não-lineares, a exemplo de sistemas vivos que elaboram sua história gerenciado *autonomia* através das tocas informativas com o ambiente para garantir a própria sobrevivência.

Conhecimento é, portanto, qualquer tipo de operação que emerge da relação corpo-ambiente e que pode ser estudada em termos precisos. Desta maneira, a idéia de cognição torna-se bastante abrangente, envolvendo linguagem, sentidos, percepção, sistema conceitual e razão - em aspectos conscientes e inconscientes. O conhecimento está implicado com o sistema sensório-motor, uma vez que as habilidades de conceitualização e racionalidade são emergências do corpo. Trata-se de um atributo geral o fato de que os seres têm de reagir ativamente ao mundo circundante, na medida de sua organização e no sentido de sua sobrevivência.

Se todo sistema vivo elabora suas próprias descrições da realidade complexa de acordo com suas possibilidades, os conhecimentos produzidos articulam em si natureza e cultura. Imersos na ação do tempo, eles são múltiplos: a partir de uma coleção de fenômenos do mundo, os processos tradutórios desdobram-se em séries infindas de perspectivas que organizam de modos singulares experiências compartilhadas.

Um sistema de idéias inaugura uma forma de perceber e se relacionar com o mundo. Este entendimento sublinha a importância da autonomia da dança como área do conhecimento em relação aos pressupostos teórico-medológicos. Uma teoria não é apenas um par de óculos que emoldura o olhar, ela enquadra todo o sujeito e o mundo com o qual ele se relaciona, configurando-se enquanto história e possibilidades. A “visão de mundo” é um estado de *ação* no mundo. Uma teoria não expressa, traduz, ou aplica uma prática: ela é uma prática local. Desta maneira, sua constituição envolve risco e responsabilidade pela adoção de uma determinada perspectiva.

O constante diálogo que o homem estabelece com os fenômenos precisa ser pensado em um contexto cultural. Se a evolução conceitual do pensamento está diretamente relacionada com a cultura na qual esta vem sendo produzida, o desenvolvimento de um saber tampouco se apresenta de maneira linear e progressiva. Sendo inúmeras as possibilidades de existência, é fundamental respeitar abordagens intelectuais/práticas distintas. Um conhecimento jamais anula outro que vigorava previamente. Diferentes modos de descrever o mundo co-existem, não há uma espécie de substituição que invalide descrições anteriores. Neste sentido, investir na autonomia de uma área não é isolá-la das demais. Existe uma transformação da paisagem. Não mais torres de verdades construídas e fundamentadas nas quais alguém detém o poder de saber sobre algo e dizê-lo aos demais. Há, sim, uma horizontalização em que se reconhece que cada sujeito elabora suas perspectivas, e mais ainda, as re-elabora constantemente, revezando saberes de diferentes domínios e experiências de diferentes naturezas. Ações teórico-práticas - e não *teorias sobre* ou *práticas para* - em relações de rede.

Os discursos formulados pelo sistema são aqueles necessários para garantir sua permanência. O entendimento do caráter contextual específico dos saberes gera uma impossibilidade de hierarquização de valores sobre os mesmos. Cada ser vivo se constitui na relação com o ambiente através de descrições históricas da realidade, de modo que o conhecimento que se elabora é justamente aquele que condiz com sua situação, suas possibilidades. Portanto, eles devem ser proferidos de acordo com as próprias tecnologias desenvolvidas, numa perspectiva que preserve a autonomia daquele que se encontra em ação.

Até o ano de 2006, a opção para os pesquisadores de dança que almejavam uma continuidade de seus estudos era encaminharem-se para programas de pós-graduação em outras áreas. Conseqüentemente, a pesquisa desenvolveu-se dispersa em programas de naturezas bastante distintas, escolhidos por apresentarem uma possibilidade de viabilização dos respectivos trabalhos a partir dos pressupostos teórico-metodológicos destas áreas, cada qual dirigindo à sua maneira um olhar possível para a dança. Este trânsito proporcionou grandes contribuições, mas o enquadramento a um modo de pensar que diz respeito a objetos de natureza específica e distinta daqueles da dança também é motivo para problematizações.

Após tantos anos de pesquisas realizadas desta maneira, é possível que a dança possua condições para se constituir como área autônoma do conhecimento. O reconhecimento deste domínio circunscrito a partir de especificidades possui implicações políticas e econômicas. Distribuição de recursos, fomento à pesquisa, investimentos no campo, apoio à produção e divulgação, incentivos para pesquisadores, desenvolvimento de tecnologia, e abertura de mercado são alguns dos aspectos pertinentes e que devem ser problematizados no entendimento de autonomia aqui proposto. Autonomia é um estado de implicação e relação com o ambiente dentro de um processo de trocas constantes, diz respeito a uma rede de conhecimentos validados no coletivo que colaboram entre si.

Neste sentido, toda esta reflexão vem apoiar-se na visibilidade e destaque daquilo que já foi produzido em um mapeamento que valoriza a ação empreendedora e vanguardista daqueles que desenvolveram conhecimento nas condições acima referidas. A reunião e análise desta produção sublinham sua relevância e têm o intuito de tornar mais acessível o que vem sendo construído no país. Acredita-se que este estudo e a disponibilização de tal material para consulta através de seu mapeamento e divulgação vá permitir uma reflexão crítica sobre o modo como este sistema vem se organizando, processo que parece indicar irreversivelmente para a consolidação da dança como área do conhecimento.

Nota

¹ Este artigo é parte de uma pesquisa de mestrado em andamento realizada com bolsa CAPES.

Referências bibliográficas

- AQUINO, Dulce. “Dança e universidade: desafio à vista”. In: Lições de dança 3. Rio de Janeiro: Lidador LTDA, 2001.
- FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- KATZ, Helena. Um, Dois, Três. A dança é o pensamento do corpo. Belo Horizonte: FID Editorial, 2005.
- LAKOFF, George; JONHSON, Mark. Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to the western thought. New York: Basic Books, 1999.
- MORIN, Edgar. O método – Vol. III: O conhecimento do conhecimento. Sintra: Publicações Europa América Ltda, 1986.
- PRIGOGINE, Ilya; STENGERS, Isabelle. A nova aliança: metamorfose da ciência. Brasília: Ed UNB, 1984.
- VIEIRA, Jorge Albuquerque. “Organização e Sistemas”. In: Informática na Educação – Teoria&Prática, v.3, n.1. Porto Alegre: Ed UFRGS, 2000.